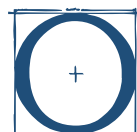


JORNALISMO E AS CRÔNICAS DO GOLPE (Felipe Pena, 2017). Resenha expandida

JORNALISMO AND THE CHRONICLES OF COUP D'ETAT (Felipe Pena, 2017)

Cláudio Cardoso de PAIVA¹
Universidade Federal da Paraíba | Brasil

À guisa de introdução



livro de Felipe Pena, *Crônicas do Golpe* (2017), atualiza com esmero e sagacidade o gênero da crônica, e assim se sobressai no âmbito da narrativa lítero-jornalística brasileira contemporânea. O seu poder simbólico se nutre de uma rica substância teórica, que lhe confere rara competência comunicativa. Guarnecido dos saberes da filosofia, história, psicologia, sociologia, semiótica e ciência política, Pena nos fornece lentes de aumento para deciframos a trama sociopolítica do século 21, e poderosas pistas para nos orientarmos na densa na teia midiática que envolve, informa, fascina, e ao mesmo tempo, distrai, engana e deforma.

A narrativa é conduzida por meio de uma estratégia inteligente, filtrando os dados na espessa nuvem da informação. Pena atua energicamente no labirinto de notícias da mídia impressa globalizada, dribla a espetacularização do noticiário na TV e enfrenta a avalanche de mensagens - nem sempre veras - em circulação na ciberzona na *internet*.

A obra se constrói como mediação equilibrada entre a gramática ilustrada dos intelectuais (academia, jornalismo, criação literária), o código hermético dos especialistas, os jargões mercadológicos e a linguagem do senso comum afetada pela midiaticização eletrônica (sob a égide do princípio do prazer, diversão e entretenimento). Resulta de reflexões rigorosas, que afluíram como artigos jornalísticos e se tornaram uma coletânea de escritos indignados, publicados antes, durante e após o processo de "*impeachment*", a rigor, um "golpe de estado", de cunho político, midiático e jurídico.

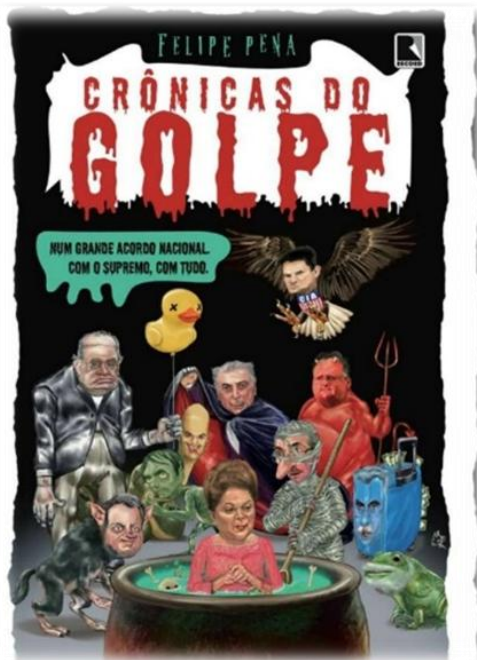
RECEBIDO EM 20 AGOSTO DE 2018
ACEITO EM 07 OUTUBRO DE 2018

¹JORNALISTA. Doutor em Ciências Sociais pela Universidade de Paris V (René Descartes) (1995). Mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília (1988). Mestrado em Ciências Sociais pela Universidade de Paris V (Rene Descartes) (1991). Professor do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba. Líder do Grupo de Pesquisa do Laboratório de Tecnologias e Linguagens Jornalísticas. Autor dos livros *Dionísio na idade mídia: estética e sociedade na ficção televisiva seriada* (2010) e *Hermes no Ciberespaço - Uma interpretação da comunicação e cultura na era digital* (2013), dentre outros.

O livro é hábil, sobretudo, na sistematização cronológica com que reordena a “reportagem dos acontecimentos”, e perspicaz, na captura, filtragem e depuração dos enunciados midiático-jornalísticos. É louvável seu empenho na contextualização histórica, social e política dos episódios da crise política, e o trabalho de encadeamento fidedigno dos fatos o torna uma referência incontornável para os estudiosos.

Para uma compreensão mais clara da avaliação da história do presente, feita por Pena, conviria iniciar pela apreciação dos títulos dos capítulos, que migram das matérias jornalísticas para o formato livresco.²

Os títulos demonstram o exercício paciente de enunciar os fenômenos, fatos, ocorrências, discursos, atitudes e comportamentos dos atores envolvidos no *theatrum politicum* nacional.



Capa do livro **Crônicas do Golpe**. Rio de Janeiro: Record, 2017.

² 0) Apresentação por Xico Sá. 1) Não é golpe, é muito pior. 2) Quem tem medo de Gilmar Mendes? 3) O juiz que sequestrou um jornalista. 4) Dois juizes e a conta! 5) O macarthismo brasileiro e a espiral do silêncio. 6) Carta em solidariedade a Michel Temer. 7) Dilma e Michel na alvorada dos apaixonados. 8) Diálogo entre os presidentes T. 9) O bandido pediu a saída da diretora do presídio. 10) Carta para filha que não nasceu. 11) Do Felipe de 2016 para o Felipe de 1996. 12) Alexandre de Moraes no STF é o goleiro Bruno na delegacia da mulher. 13) Escola sem partido: a fábrica de inquisidores medievais. 14) Carta de um ex-deputado para seu neto em 2046. 15) O cuspe verde-oliva de Jair Bolsonaro. 16) Bolsominions: quem são e do que se alimentam. 17) De Lula para Aécio em 2080. 18) Como surge um governo autoritário. 19) Saudades da democracia. 20) A manipulação barata de João Dória. 21) O fim do amor entre Tia Eron e Eduardo Cunha. 22) Temer e Geddel puxaram o gatilho na Cidade de Deus. 23) A classe social não é defendida pela renda (um estudo sobre o golpe). 24) Alguns projetos de lei que levarão o país de volta ao século XIX. 25) A massa de coxinha é feita de manobra. 26) O ministro da Justiça é a nova mãe Dinah? (Ou a Polícia Federal perdeu a autonomia?). 27) Não há provas contra Lula, só pedaladas jurídicas. 28) Se a luta é entre Moro e Lula, quem é o juiz da luta? 29) A morte e a morte do jornalismo brasileiro. 30) Devemos Temer Cunha e Bolsonaro. 31) Governo Temer passa a tesoura nos programas sociais. 32) Há fascismo entre as dez medidas propostas pelo MPF. 33) Por que uma saia provoca tanto ódio? 34) Quem puxa o gatilho da homofobia? 35) Dez fatos que demonstram o fim da democracia no Brasil. 36) Temer faz blindagem da blindagem. 37) A ONU ignora Temer. 38) Cenas de estupidez dominical. 39) Quem acidentou Teori? 40) Peço perdão a Luís de Camões. 41) Não falo mais de política. 42) Como pode ser golpe? – Cinco argumentos nas coxas. 43) Cenas de 1968 na ditadura de 2016. 44) Eduardo Cunha explicado na escola. 45) A condução coercitiva do síndico. 46) A Olimpíada do paradoxo. 47) João Dória criou o risco-prisão para seus amigos. 48) Não vai ter conversa com Bial. 49) A tomada do Palácio pelo inverno. 50) Um ano depois o rato partiu para a montanha.

O texto desvenda o acontecimento histórico, a partir de uma lógica de sentido que enxerga a articulação de fenômenos, interesses e ocorrências, aparentemente dispersos, mas com um objetivo comum: a deposição da presidente Dilma Rousseff. Há que se registrar, igualmente, a perspicácia no modo de revelar as táticas, o *modus operandi* da oposição, respeitando os jargões utilizados pela imprensa e repetidos na esfera pública informatizada. Este expediente, em última instância, desvela a forma e o sentido das narrativas que orientam o imaginário sociopolítico no século XXI. Enfim, cumpre destacar a fina ironia com que o escritor-professor-psicólogo-jornalista Felipe Pena elabora a interpretação da complexidade ética e político-ideológica que envolve o fenômeno.

Da capa: embalagem satírica para um circo de horror

Caberia destrinchar as camadas de significação da imagem (já célebre) da capa do livro, feliz adequação entre a intencionalidade do projeto (exposta no conteúdo da obra) e sua configuração plástica, semiótica, imaginal. A recorrência ao desenho do cartunista mineiro Renato Aroeira antecipa a criatividade, exuberância e mordacidade com que Pena mergulha na malha sinistra dos acontecimentos. Sob a forma de charge, sátira e caricatura dos personagens da trama Aroeira arrebatava os sentidos do leitor, expressando com humor ácido as imagens do vice-presidente Temer, ministros, políticos e juizes em representações bem desenhadas, mas em versões ordinárias e abjetas. Trata-se de uma carnavalização assombrosa e denúncia exemplar, similar à visão horrenda de Bosch do mundo medieval. Pertinente, aliás, pois a Idade Mídia tem muitos traços da Idade Média.

Saltando diretamente das fotos e charges dos jornais e revistas, noticiários dos telejornais, memes da *internet*, as imagens espectrais dos personagens inscritos na capa do livro relembram a pérfida mitologia que envolve cada uma dessas tristes figuras.

Mil reverberações dos chistes, piadas, derrisões que correm à boca miúda e na banda larga da *internet*. No alto, o juiz Sérgio Moro jaz metamorfoseado em uma imagem grotesca da águia americana (como um agente da CIA); logo abaixo, à esquerda do observador, o ministro do STF Gilmar Mendes surge envergado como um Quasímodo, segurando pateticamente um balão-pato-amarelo, indiciando uma suposta vinculação com os empresários neoliberais da FIESP; Michel Temer, ao lado, encarna a silhueta agourenta do vampiro Drácula (simbologia já popularmente associada à nefasta figura do presidente), e sob seu manto diabólico ressalta

a imagem desfigurada e repugnante do ministro do STF Alexandre de Moraes.

Em seguida, junto ao desmorto, aparece o ministro Geddel Vieira Lima, representado como um horrendo diabo gordo segurando um tridente. Na camada inferior, lembrando uma espécie de círculo do inferno de Dante, avulta-se a caricatura do senador Aécio Neves, como lobisomem disforme, com um grande nariz de Pinóquio e os olhos (da cobiça) exageradamente arregalados; ao seu lado direito, de perfil, Jair Bolsonaro, aparece corcunda e esverdeado, encarnando uma das personagens medonhas e terríveis da saga *Senhor dos Anéis*.

Mais à direita, o político Eduardo Cunha é simbolizado como uma tenebrosa múmia remexendo um caldeirão de água fervente; ao seu lado, o ex-presidente do PMDB, Romero Jucá, autor do flagrante da frase gravada em *off* e divulgada nos telejornais (“num grande acordo nacional com Supremo e tudo”) é des(d)enhado com uma mala azul abarrotada de dinheiro - um evidente signo de corrupção.

No centro da cena, na base do “quadro dantesco”, a presidente Dilma Rousseff está sendo cozida no caldeirão, com fisionomia resignada. E, parodiando o versinho dos “Engenheiros do Hawaii”, Aroeira é POP e não poupa ninguém; assim, no canto inferior esquerdo do quadro que nos olha, o desenho ambíguo parece ser do ex-presidente Lula, como sapo verde com barba branca, já “engolido pelo golpe”.

A dimensão simbólica, que confere sentido à matéria plástica modelada pelo artista, advém dos afetos (e desafetos) coletivos, verbalizados nos “sistemas de resposta” midiáticos, nas vozes das ruas e redes sociais. O grande volume de dados, registros, denúncias, publicizações de vários tipos, acerca das tramas, trapaças e tramoias dos atores engajados na estratégia de deposição da presidente Dilma, se disseminam nos “vasos comunicantes” da miosfera e se sedimentam ruidosamente no imaginário coletivo.

A semiose pode parecer clichê, mas possui forte analogia com as representações populares dos conspiradores de outras eras; na tela, pulsa a derrisão do poder opressivo e a sátira se faz corrosiva através das imagens da danação eterna dos poderosos.

Simbolizações degradantes e alegorias tenebrosas do poder pelo viés do humor estão presentes na civilização desde as comédias de Aristófanes, autor de *Os Sapos*. Ressurgem na Galáxia de Gutemberg com as clássicas caricaturas do poder, na ilustração dos livros, jornais, revistas; explodem com toda potência na histeria dos audiovisuais, e reaparecem nos memes virais da cibercultura, infestando os *sites* e redes sociais. As narrativas em rede de

José Simão, Benvindo Cerqueira e do Bode Gaiato são animadas pela “vibe” bem humorada, em que se misturam o riso e o siso de uma intervenção estética e filosófica, desarmando os espíritos engessados.

Deste modo, na capa do livro *Crônicas do Golpe – Num grande acordo nacional com supremo e tudo*, a humorada charge de Aroeira funciona como bálsamo para amenizar a narrativa – a ser decupada no livro - do golpe que depôs Dilma Rousseff.

Precisamos discutir a apresentação de Xico Sá

O jornalista e escritor cearense Xico Sá apresenta o livro de maneira lúcida, e faz uma crítica bem-humorada, ironizando a ideologia do ressentimento expressa nas “panelas e caçarolas” da classe média, “ávida por um Brasil limpo da corrupção vermelha”. (Este argumento será desenvolvido metodologicamente – em outro registro – por estudiosos como Marilena Chauí, Jessé de Souza e Márcia Tiburi, entre outros). Todavia, o sotaque de Chico Sá mantém o tom na perspectiva de uma poética do risível, que não se exime de antecipar a denúncia da “tramoia jurídico-parlamentar, em nome de Jesus e das famílias dos Cunhas, Aécios, Maltas e Jucás”, apontando as “fitas gravadas” e o “novelo golpista” que compõem a “trama macabra nos bastidores de Brasília”. Sá testemunha a “narrativa desta página manchada da democracia brasileira”. E confirma a importância do texto de Pena, “livre da solenidade chata dos analistas políticos”, denunciando igualmente o golpismo à base de “malas de dinheiro”, mais do que dos “brucutus movidos pelos militares”. Para ele, “um golpe dos tempos modernos”.

Uma resenha atenta ao capital analítico-cognitivo da obra

Quase todos os textos do livro foram publicados no jornal *Extra*, entre abril de 2016 e maio de 2017, “quando o golpe completou um ano”, e o restante (em número de três) foi divulgado no portal *Jornalismo de Resistência*, segundo as palavras do autor. Ou seja, trata-se de um trabalho jornalístico, em moldes de crônica, que carrega consigo a marca do “engajamento intelectual”, similar, de certa maneira, à atuação do “intelectual orgânico” gramsciano, e aos textos inteligentes do jornal *O Pasquim*, dos anos 60/70.

Aqui não se trata de seguirmos sistematicamente as 153 páginas, mas apresentar uma “síntese” interpretativa do trabalho, apontando os trechos “mais importantes”, no intuito de instigar a reflexão e ensejar uma discussão

junto aos leitores que apreciaram a obra, e atrair os que ainda não conhecem o livro.

“Não é golpe é muito pior”: - A abertura do texto nos atinge como um sopapo: “Você está sendo enganado”. O autor, de saída, problematiza o “pensamento único”, demonstrando como a imprensa “realiza a condução coercitiva da cognição pública”. E, desde já, alinhava uma enunciação que brota dos subterrâneos da nossa instância política, pois o termo “condução coercitiva” remete ao trauma nacional das arbitrariedades que envolveram o julgamento e a prisão do presidente Lula. E alerta para o problema da “seletividade” no julgamento dos processos do STF e da Lava Jato, no que concerne à punição dos culpados em casos de corrupção. E, didaticamente, o professor ressalta que:

o jornalismo não é um espelho da realidade (...) ajuda a construir a própria realidade através da narrativa dos fatos, que se dá pela escolha de linguagens, entrevistados, ângulos etc. Tais escolhas são feitas por indivíduos que tem preconceitos, juízos de valor e diversos outros filtros. (PENA, 2017, p. 16).

Desde o princípio, Felipe Pena instiga um processo de aprendizagem, que, ao contrário de uma pedagogia ortodoxa, abre caminho pela “polifonia de vozes” (BAKHTIN, 1985), a partir da qual os leitores irão interagir com o texto, através do “contrato simbólico” (CHARAUDEAU, 2006), estabelecido implicitamente entre o autor e o leitor.

“Quem tem medo de Gilmar Mendes”: - Trata-se aqui de focalizar o poderoso ministro do STF, discutir os encadeamentos ético-discursivos e a pragmática de sua comunicação marcada pela “parcialidade” e “partidarismo”, os encontros furtivos e as relações escusas com os réus, suas predileções ideológicas e afinidades eletivas. Felipe Pena toca na ferida do sistema republicano, na figura dos magistrados, e, fazendo uma minimalista “análise de discurso” do ministro Mendes, desnuda o mecanismo de aplicação das formas jurídicas pautadas por interesses duvidosos.

“Dois Juízes e a conta!”: - Neste capítulo há emanações satíricas de François Rabelais e a Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento (BAKHTIN, 1987). O encontro gastronômico de Michel Temer e Gilmar Mendes) se torna um prato cheio para os analistas. Na cena, o grotesco toma conta da situação: a comilança, a gargalhada, a falta de modos, as palavras de duplo sentido (“meretíssimo x meretríssimo”, “pedido de vistas x pedido de pizzas”), o escárnio diante do erário público. Fervilham elementos para uma antropológica da vida política brasileira. O chiste, a piada, a

galhofa. Tudo contribui para o exercício da imaginação crítica do cronista, que assimila e desnuda o *nonsense* do diálogo entre os interlocutores, comparsas e cúmplices. No desenlace, a frase debochada: “a conta a ser paga só em maio”, referência às eleições do próximo ano.

“O macarthismo brasileiro e a espiral do silêncio”: - A referência é o conselho de um amigo para o jornalista cessar de escrever o seu “Diário do Golpe” nos jornais. O autor faz referência à Guerra Fria, censura, espionagem, listas e vigilância na época do macarthismo (EUA, década de 50). O dado histórico serve de pretexto para uma nova lição e aprendizagem, por meio de fina abstração teórica: “A espiral do silêncio é um conceito criado por Noelle-Neumann para explicar como as interações sociais tendem a priorizar as opiniões... que parecem dominantes, consolidando-as e ajudando a calar as diferenças”. (PENA, 2017, p. 24).

“Carta em solidariedade a Michel Temer”: - Eis um emprego preciso da fina ironia. Derrisão cruel do uso (antiquado) da mesóclise pelo presidente. A verve crítica se desloca aqui para os mitos da cultura pós-massiva da *Netflix*. O texto termina com saudações inspiradas na ficção do seriado *House of Cards*, em que o personagem Frank Underwood, presidente dos EUA, interpretado pelo ator Kevin Spacey, é corrupto, desleal, criminoso. “Abraços decorativos, Frank Underwood, 08.04.2016”.

“Diálogo entre os presidentes T.”: - A referência satírica se faz em torno de um suposto encontro entre Temer e Trump. Refere à dramática construção dos muros nas fronteiras: entre Estados Unidos e México, mas também um muro separando o Nordeste. Perfaz-se, então, um olhar crítico sobre o lugar-comum dos imigrantes, chicanos e nordestinos, na perspectiva de ambos os presidentes.

O texto faz alusão às estratégias de “reforma da previdência” (objetivo dos neoliberais) e à forma como desdenham da Bolsa Família. E o golpe de misericórdia: remonta o clichê usado pela imprensa para referir-se à primeira dama: “Bela, recatada e do lar”, ou seja, a imagem da “princesa” submissa e reduzida à condição de doméstica, ao contrário das feministas liberadas e mulheres batalhadoras do século XXI.

“O bandido pediu a saída da diretora do presídio”: - O foco atua sobre o traficante Fernandinho Beira-Mar, enviado a um presídio de segurança máxima e eleito como presidente da cadeia pelos detentos. A diretora do presídio pede ajuda ao Ministério Público, STF e PF, mas não é atendida. Fernandinho Beira-Mar é mostrado na TV pedindo a imediata demissão da diretora. Em entrevista, o senador Roberto Requião diz que “Eduardo Cunha pedir a saída de Dilma é como Fernandinho Beira-Mar pedir

a saída da diretora do presídio”. Aproveitando a deixa, Pena faz ágil relato do histórico criminoso de Eduardo Cunha, aí incluindo-se suas antigas relações com PC Farias, envolvido no caso de corrupção com Fernando Collor. “Cunha é réu, mas pode ser tornar o vice-presidente da República”.

“Do Felipe de 2016 para o Felipe de 1996”: - O gênero da crônica jornalística tem parentesco estilístico com o gênero literário: pode adotar a licença do discurso poético, exercitar o poder da subjetividade, forjar laços entre a narrativa factual e a ficcional. Pena cita aqui o livro de Michel Laub, e tece discussões sobre a formação acadêmica, estudos aprofundados, com zelo e atenção à produção de linguagem. Não se pode superestimar a inteligência acadêmica, diz. Faz referência à “palavra do ano”: a “pós-verdade”, e lança uma máxima: “Um pato convenceu o país e muitos ainda acreditam no perigo comunista”. Faz alusões à discussão de temas complexos: homofobia, racismo, questões de gênero e direito ao aborto (no âmbito das redes sociais). Mostra os sutis esquemas de controle e vigilância. Relembra a experiência do “panótico” (o olho que tudo vê e controla). Alerta para a reencarnação do *Big Brother* (Orwell), em nível hipertrofiado. E desenha uma alegoria sinistra da realidade brasileira, onde “o congresso é evangélico, o presidente é o vampiro do Carandiru e o Judiciário não cumpre as leis” (PENA, 2017, p. 38).

“Alexandre de Moraes no STF é o goleiro Bruno na delegacia da mulher”: - Pena relembra o diálogo dos senadores Romero Jucá e Sérgio Machado gravado antes do *impeachment*. “É um acordo botar o Michel num grande acordo nacional... com o Supremo, com tudo”. E prenuncia a atuação do ministro do STF, Alexandre Moraes, que “será o agente político que vai sacramentar o acordo nacional...”. Raposa no galinheiro. “Como se o goleiro Bruno assumisse a delegacia da mulher e Suzane Von Richthofen (patricida e matricida), homenageada no dia dos pais” (PENA, 2017, p. 39).

“O cuspe verde-oliva de Jair Bolsonaro”: - Foca os delitos do deputado Bolsonaro (e atual candidato à Presidência da República), que citou o torturador Cel. Ustra, ao pronunciar seu voto em favor do *impeachment*. Enumera os crimes do parlamentar, capitão reformado do Exército, e suas “virtudes”: misoginia, homofobia, racismo. E registra o episódio da cusparada do deputado Jean Wyllys no deputado, como resposta a uma agressão verbal machista e homofóbica. Para Felipe Pena: “Diante da escarrada verde-oliva de Bolsonaro”, a saliva de Wyllys é quase água benta” (PENA, p. 45).

“Bolsominions: quem são e do que se alimentam”: - Em relação às violentas reações dos seguidores de Bolsonaro, acerca da denúncia sobre

o crime de apologia à tortura, Felipe Pena, psicólogo, recorre ao conceito de “narcisismo das pequenas diferenças”, formulado por Freud na obra *O mal-estar na civilização* (1930). Para o pai da psicanálise,

o narcisismo agressivo rompe a barreira do recalque e se manifesta publicamente quando incentivado por líderes que se supõem acima da lei (e da civilização) ou quando avalizados por um grupo que recorre a pequenas diferenças em relação ao outro para justificar a barbárie (PENA, 2017, p. 47).

Os seguidores de B. o chamam de mito e dão vazão aos “recalques narcísicos”, atacando violentamente os grupos vistos como rivais (gays, negros e feministas), o que pode ser também um “desejo reprimido de ser o outro”. Pena (2017, p. 48) faz referência à Alemanha nazista dos anos 30, assim como recorre às “condições históricas, crise econômica, fim da representação política, desgaste da esquerda, busca do salvador da pátria” (p.48).

“Como surge um governo autoritário”: - O autor faz aqui uma síntese instigante.

Pegue um artista frustrado, do tipo que faz poesia barata ou pinta quadros sem expressão. Em seguida, misture com uma situação econômica ruim, uma classe média alienada, apoio às elites, falso combate à corrupção e a construção midiática de um inimigo comum (PENA, 2017, p. 51).

O professor cita a biografia *Adolf Hitler: os anos de ascensão 1889-1939*, do historiador Volker Ullrich, que cobre desde o seu nascimento até a invasão da Polônia, focando o homem por trás da persona pública. Descreve as conspirações que o alçaram ao poder, traições aos amigos, assassinatos de correligionários e execução dos nazistas rivais. Narra o período da pobreza e obscuridade do tirano. E destaca a importância de mostrar para o mundo, como, numa era de instabilidade política e econômica, criam-se as brechas para a entrada dos oportunistas com sede de poder na cena sociopolítica. E expõe os reais objetivos do golpe: exclusão social e sufocamento da oposição (PENA, p. 51).

“A manipulação barata de João Dória”: - Neste artigo/capítulo o foco incide sobre a figura do político demagógico. Resultado do *marketing* político, surge como o “bom gestor”, em substituição ao político tradicional, seguindo o mantra do neoliberalismo. O prefeito João Dória, *playboy* e dublê de apresentador, se inspira em Donald Trump e encarna o *hater* (o odiador),

arregimentando legiões. Refere também à tentativa neoliberal de colocar o apresentador Luciano Huck como candidato à presidência, cujo perfil é semelhante a Berlusconi, Collor, Trump e Dória (PENA, p. 55).

“A classe social não é definida pela renda (um estudo do golpe)”: - A verve lítero-jornalística do texto de Felipe Pena, pela sua erudição e senso de atualidade, propicia um estilo de comunicação com vasta amplitude cognitiva. Assim, apresenta elementos para uma sociologia do cotidiano, com base na crítica da economia política.

Com a atenção voltada para as manifestações sociais, as narrativas do cotidiano, e sua extensão nos espaços midiáticos, Pena questiona o sentido das manifestações dos setores de direita, com uniformes da CBF, que “pediram a saída da Presidente Dilma”, mas não saem às ruas após escândalo Geddel e a delação de recebimento de propina de 10 milhões por Michel Temer. Pena (2017, p.63) alega que “os movimentos do MBL e o ‘Vem pra rua’ são financiados pelo governo atual” e não são contra a corrupção, mas “representam o preconceito contra as políticas de inclusão e o ódio de classe”. Para explicar o significado das “classes sociais” recorre a uma epistemologia heterodoxa, aliando Sérgio Buarque de Holanda, Jessé de Souza e Freud. Denuncia a falácia do “brasileiro cordial” e os mitos da hospitalidade e generosidade (SBH).

Pena destaca as características do *ethos* nacional, a reação às leis, defesa dos privilégios e falsa meritocracia, a confusão entre esfera pública e esfera privada, e o costume de só ver a corrupção do outro. “Em suma, um homem que se apropria da res-pública através de alianças, amizades e casamentos, transformando-a no quintal de sua própria casa”. Denuncia o “capitalismo dos patos-barões da FIESP, a apropriação do Estado e a manipulação das classes através da colonização do imaginário” (PENA, p. 64).

Remonta o desenho da divisão das classes sociais no Brasil, segundo Jessé de Souza (2017):

- 1) A classe dos endinheirados que domina o capital simbólico e efetivo (1%);
- 2) A classe média que suja a mão para que a primeira continue dominante e sonha em pertencer a ela, embora nunca seja aceita;
- 3) A classe dos trabalhadores que vive em condições precárias;
- 4) A classe dos excluídos, considerada ralé pelas três anteriores.

O foco do problema incide sobre a classe média, considerando o modo como esta aglutina a correlação de forças em favor das classes abastadas. A

classe média, formada por juízes, jornalistas etc. almeja não só os bens materiais, mas prestígio, admiração, sucesso, valores simbólicos forjados pela “indústria cultural”. Bajula os ricos e, visando ascensão social, “legitima a sua narrativa e a sua prática” (PENA, 2017, p. 65).

A crônica desnuda a vida mental e social do brasileiro, remontando a egóica “lógica do self” (Maslow) e o “narcisismo das pequenas diferenças” (Freud), que orientam os valores da classe média. Assim, explica a reação à ascensão das classes populares aos lugares de distinção, outrora privilégio de poucos. “A classe média condena os programas de transferência de renda”; beneficiários são vistos como preguiçosos, o que revela uma profunda aversão aos pobres. A classe média odeia a ascensão da classe subalterna, vista como ameaça aos privilégios e aos objetivos de distinção social. “O que está em jogo (para a classe média) é a disputa pelo capital social”, a conquista dos símbolos que indicam a ascensão no *status quo*. Destarte, Pena oferece um plano geral do estado da luta de classes no País, mapeando um contexto histórico, social, econômico-político, para a compreensão do leitor.

“Alguns projetos de lei que levarão o país de volta ao século XX”: - Metodologicamente, o autor elabora a sua narrativa de modo pragmático, elencando os projetos de lei a serem votados no Congresso Nacional, sob a gestão do presidente Temer. São formulações retrógradas dos segmentos sociais mais conservadores: 1. Instituição do Estatuto da Família; 2. Alteração do Código Penal sobre o aborto; 3. Estabelecimento do Código da Mineração; 4. Redução da maioria penal; 5. Flexibilização do Estatuto do Desarmamento; 6. Alteração da Constituição em favor das entidades religiosas (fim do Estado laico); 7. Flexibilização da regulação sobre autorização dos agrotóxicos; 8. Demarcação das Terras Indígenas; 9. Fim do Direito de Greve; 10. Regulamentação da terceirização sem limite. Sistemáticamente, Pena (2007 p. 67) enuncia os dispositivos que irão imprimir uma conformação negativa ao tecido ético-político e social brasileiro.

Nos dois artigos subsequentes, **“Não há provas contra Lula, só pedaladas jurídicas”** e **“Se a luta é entre Moro e Lula, quem é o juiz da luta?”**, Felipe Pena mira a ação do Poder Judiciário, em sua hermenêutica jornalística, realizando um exercício histórico-interpretativo valioso para investigações futuras. Recolhe as notícias da grande imprensa (e das novas mídias), coletando os dados empíricos à guisa de análise crítica, conferindo um matiz dialógico e investigativo à narração da sua crônica do cotidiano.

Desmonta a aura de imparcialidade do juiz Sérgio Moro e aponta irregularidades em sua metodologia jurídica, citando o caso da divulgação

das gravações ilegais da presidente Dilma Rousseff e o exercício da condução coercitiva, no caso do jornalista Eduardo Guimarães, mas já antecipando o episódio de prisão do ex-presidente Lula.

Critica a midiaticização do Poder Judiciário e a acusação sem provas no caso da posse do triplex do Guarujá, atribuída ao ex-presidente Lula. Nesse contexto de “midiaticização instrumental” (e espetacularização) do acontecimento, o escritor-jornalista aponta o fenômeno da “pedalada jurídica”, que consiste na manipulação do processo jurídico e as estratégias seletivas na condução do julgamento da Lava-Jato.

Antenado nas redes sociais, Pena mapeia o conjunto das principais questões que se agitam no circuito da esfera pública digital: sobre a desigualdade respeitante à consideração das provas criminais no processo contra Lula e outros indiciados; sobre os critérios de validade das provas (recibos de pedágios etc.); sobre o caso dos 13 milhões em espécie dentro de uma mala; sobre a destruição e adulteração das provas no processo; sobre a diferença no montante relativo às propinas pagas pela OAS: 70 M para Cabral, 60 M para Eduardo Cunha, 50 M para Aécio Neves, 45 M para Michel Temer (comprovadamente) e uma reforma no triplex de Lula (sem provas). Conclui, referindo o processo penal como “kafkiano”, em referência à lógica do absurdo na narrativa de Kafka.

“A morte e a morte do jornalismo brasileiro”: - Este texto surpreende pela forma como Pena narra conscientemente o seu “lugar de fala”, antes e depois, dentro e fora da Rede Globo, levando o leitor-jornalista ao exercício de crítica e autocrítica. Cuidadosamente, distingue a prática do jornalismo como aproximação possível da veracidade dos fatos, alertando que “nem a ciência é capaz de atingir a verdade e a objetividade total”. Defende o jornalismo como um modo de “construção social da realidade”, seguindo os sociólogos Berger e Luckmann (1973), e vai mais longe, pela rota das ciências da linguagem, iluminando o trajeto dos pesquisadores em jornalismo:

[...] é no trabalho da enunciação que os jornalistas produzem discursos, que, submetidos a uma série de operações profissionais e pressões sociais, constituem o que o senso comum das redações chama de notícia. Entre a infinidade de fatos apurados pelos jornalistas só alguns serão publicados ou veiculados, levando em consideração critérios como a característica do veículo, suas rotinas de produção e a própria presunção de quem é o seu público. (...) No jornalismo, a objetividade não surgiu para negar a subjetividade e sim para reconhecer a sua inevitabilidade. Seu verdadeiro significado está ligado à ideia de que os fatos são construídos de forma tão complexa e subjetiva que não se pode cultuá-los como expressão

absoluta da realidade. Pelo contrário, é preciso desconfiar desses fatos e propor um método que assegure algum rigor ao reportá-los. (PENA, 2017, p. 84).

Eis um facho de luz na crônica jornalística, em geral carente de análise qualitativa, perspectiva crítica e sobretudo contextualização histórica, social e política.

Didaticamente, Pena (2007, p. 84) resgata - em modo crítico - os conceitos de "lead" e "pirâmide invertida", que "substituíram o jornalismo opinativo pelo factual, priorizando a descrição objetiva dos fatos". Refere o antológico livro *Opinião Pública*, em que Walter Lippmann sistematiza as técnicas jornalísticas. E, cita o célebre Tom Wolfe, um dos autores do "jornalismo investigativo", que declara seu gosto pelo "jornalismo literário", em detrimento do jornalismo "enfadonho, chato, desinteressante".

O autor defende o jornalismo como campo de "batalhas ideológicas", que enfrenta paradoxos, mas cuja eficiente administração pode engendrar um "bom jornalismo". O que não ocorre hoje no País, segundo ele:

A imprensa brasileira construiu uma narrativa para esconder o golpe de Estado que aconteceu no país. Não precisou manipular, bastou contar com os procedimentos organizacionais dos profissionais da redação, conforme as sistematizações propostas por Warren Breed, que vê nas recompensas simbólicas (prestígio social, reconhecimento etc.) recebidas pelos repórteres e editores o incentivo inconsciente para que sigam as políticas editoriais sem sequer precisar de orientação superior. Foi a primeira morte do jornalismo. As primeiras emissoras do país embarcaram na missão de derrubar a presidente. E contaram com a ajuda dos jornais de circulação nacional e das revistas semanais de informação. Mas todos – jornais, revistas e TVs – não fizeram isso assumindo um lado. Fizeram construindo a narrativa de que o golpe não existiu, de que se tratou apenas de um procedimento legalmente constitucional. Foi a segunda morte do jornalismo. No momento, a imprensa brasileira se crê adepta à teoria do espelho. Vende a ideia de que reproduz a realidade, mas, na verdade, é ela que a constrói, dando voz exclusivamente aos que compactuam com sua narração dos acontecimentos. Não há profissionais e veículos capazes de fazer o contraditório. Não há imersão profunda. Não há colhões, como diria Hunter Thompson em seu jornalismo gonzo. Vivemos um estado de exceção e a imprensa o apoia. É a prova de que no Brasil, pode-se morrer três vezes na mesma encarnação. (PENA, 2017, p. 85).

À guisa de conclusão

Isto não é uma resenha, mas pode ser considerada uma resenha expandida. Texto arrebatado pela potência da narrativa do mestre Felipe Pena, este relato deve funcionar – simultaneamente – como uma descrição

(em busca de fidedignidade ao texto original) e uma experiência narrativa, que se identifica com a subjetivação do escritor-jornalista-professor, o qual, ideologicamente, toma partido em sua reportagem dos fatos. Este breve texto empenha-se em comentar parte dos artigos compilados na presente coletânea de escritos jornalísticos (sob a forma de crônica), até o artigo sobre “a morte do jornalismo”, bem pertinente para uma aula de jornalismo, em tempos de *leads* falsos, sujos e malvados.

Há mais, muito mais argumentações, diálogos, protestos indignados, denúncias corajosas e provocações. Este é um dos trabalhos mais fecundos da área, pelo espantoso domínio da narrativa, pelo sólido arsenal teórico-conceitual com que tece sua hermenêutica histórica da recente política nacional. Ou seja, uma rigorosa interpretação da cultura política cotidiana, em que o exercício da subjetividade jamais poderia ficar de fora. Porque é feita com a marca suja da experiência vivenciada. Porque a matéria mexe demais com os nossos corações e mentes. Porque o autor-jornalista-escritor-professor não poderia se eximir de se manifestar num momento crítico como este que vivenciamos.

Esse matiz de subjetividade confere qualidade e distinção à crônica de Felipe Pena. O trabalho é relevante também pelo esforço paciente em sistematizar os acontecimentos que têm deixado atônitos os brasileiros, desde a deposição da presidente. É um livro nobre pela bravura ao chamar as coisas pelo seu próprio nome - e Pena faz isso, usando todas as letras, no artigo “**Não vai ter conversa com o Bial**”:

Houve um golpe parlamentar no Brasil. Esta é a ideia central do livro, baseada em argumentos sólidos, que podem e devem ser contestados. Mas não dá para ignorar as gravações de Sérgio Machado, o acordo com o Supremo, a suruba de Jucá ou a entrevista de Temer confirmando que Dilma caiu pelo conjunto da obra e não pelas supostas pedaladas fiscais. No mínimo deveria haver comentaristas com opiniões divergentes em todos os programas jornalísticos do país. Principalmente em um momento em que se discutem reformas tão importantes, como a trabalhista e a da previdência. (PENA, 2017, p. 129).

Zola foi um escritor combativo e que usou o jornalismo como forma de protesto contra a injustiça, tornando-se célebre também pela defesa do réu, no “Caso Dreyfuss”, na França, em que um inocente é julgado e condenado arbitrariamente. Precisamos de escritores e jornalistas como Zola, que não ajam motivados pela vaidade e vontade de ascensão social.

O fim do jornalismo não viria pela invasão das máquinas, usurpação

do “lugar de fala” dos profissionais pela semântica dos *robots* e algoritmos, nem pela irradiação das *fake news* nas redes sociais. Este fim se daria pela ausência da ética, solidariedade e responsabilidade social, no âmbito de um *métier* que já foi tão nobre. Em todo caso, o poderoso “livreco”, **Crônicas do Golpe**, constitui uma espécie de barricada, uma forma de resistência; esperemos, não seja um dos últimos da sua espécie.

Referências

- BAKHTIN, M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. São Paulo: Hucitec, 1985.
- BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e na Renascença** – O Contexto de François Rabelais. Brasília: Ed.UnB, 1987.
- BERGER, P; LUCKMANN, T. **A Construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1973.
- CHARAUDEAU, P. **O Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.
- FREUD, S. **O Mal-Estar na Civilização**. São Paulo: Companhia das letras, 2011.
- LIPPMANN, W. **Opinião Pública**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- PENA, F. **Crônicas do Golpe** – Num grande acordo nacional com o supremo, com tudo. Rio de Janeiro: Record, 2017.
- SOUZA, J. **A radiografia do golpe: entenda como você foi enganado**. Lisboa: Leya, 2016.
- SOUZA, J. **A Elite do Atraso – Da escravidão à Lava Jato**. Lisboa: Editora Leya, 2017.
- SOUZA, J. **O ridículo político**. São Paulo: Record, 2017a.
- TIBURI, M. **Como conversar com um fascista**. São Paulo: Record, 2015.

